ANNO II. IL DIRITTO N. 18

De todos segundo as suas forças.

IL DIRITTO

A cada um segundo as suas necessidades.

PERIODICO COMUNISTA ANARCHICO

Sahe quando pode e se publica por Subscripção voluntaria.

EGIZIO CINI, Gerente Responsavel — Endereço — IL DIRITTO, Rua Silva Jardim n. 60.

DEDICADO AO I.º DE MAIO

PARANÁ Coritiba, 1 de Maio de 1900 BRASILE

I.º DE MAIO

Ainda o anno 1900, como os os seos precedentes, nos trahe o 1.º de Maio, data escolhida desde 1889, por ser festejado pelo Operario do Mundo inteiro, com abster-se do trabalho.

Porèm, o elemento operario, sempre disfructado, atè hoje tem dado prova de não ter bem comprehendido o verdadeiro significado d'esta data que tantas bonitas esperanças tinha encendido nos corações dos conscientes.

De facto, o que te vale, oh proletario, o abster-te pacificamente do trabalho n'este dia? Nada, absolutamente nada. Tu, oh proletario, tu mesmo reduziste a data do 1.º de Maio, n'estes paizes á um simples dia de divagação, perdendo, com isto, de vista, o alto significado que tem.

Nós disfructados, desde o nascimento, nós que suamos sobre um continuo trabalho para enriquecer os nossos disfructadores, e que pela nossa velhice não temos outra prospectiva que a de um hospital; nós, digo, somos aquelles que queremos o nosso mal.

De facto, em tantos annos que aqui festejamos o 1.º de Maio, o que se tem resolvido? Nada, absolutamente nada, e porque? Porque os nossos bons patrões, espantados no principio do quanto se podia com a nossa força, retomaram coragem, vendo a nossa inconsciencia e disseram: deixamol-os festejar o 1.º de Maio, amanhã em tanto voltam mais humildes à suar para nos.

Oh disfructado, te fazes consciente uma bôa vez? comprehendes o verdadeiro significado do 1.º de Maio, que é aquelle de unir as nossas forças, e os nossos corações reetemperados por esta união, impulsados á desden pelo continuo augmentar das humanas injustiças, não mais se sujeitarão a supportal-as, e a despeito de todos os paiaços que recomendam a calma, saberá rebellar-se e vencer.

Si tu conheceste a tua força, si tu dizeste a ti mesmo que tudo quanto existe è obra tua, e por conseguinte te pertence, oh então sim que festejarias arditosamente o 1.º de Maio, e qualquer dia seria bom para festejal-o.

Não te espantem, oh disfructado, os factos atrozes commettidos pelos governos de todos os côres á damno de povos inermes que pediam pão e trabalho, mas pelo contrario esses mesmos factos te sejão de incitamento á vingar-te e te insinuem no animo a ideia de que nada se poderá obter dos nossos disfructadores, até que se pedirá humildemente, mas pelo contrario tudo será nosso si nós fortemente queremos.

Sim, oh disfructado, tudo nos roubaram com a força, e é só com a força que nos sera dado reconquistar os nossos direitos.

Convence-te que os nossos governantes, os nossos patrões não cederão aos nossos rogos, por justos que sejam, mas implorarão misericordia si nos verão resolutos a querer.

Aquelle, oh operario, oh pariá, aquelle será o verdadeiro 1.º de Maio, quando encendida de santa ira a phalãnge da canalha (como nos chamam) saberá vencer.

Em nos está a força, às baionetas, aos canhões e outros meios de destruição que serão adoptados contra nos, nós saberemos responder com outros tantos meios de destruição e, convencidos de combatter para o bem da humanidade e os cahidos cahirão com o brado de viva a R. S., os superstites farão tabula rasa do resto dos nossos disfructadores.

Oh aquelle será o 1.º de Maio.

E. C.

UM APPELLO
à Imprensa Coritibana

—

Desde quatro ou cinco mezes a esta parte, em Coritiba, constatou-se uma grande metamorphosi financiaria nas massas operarias.

Isto o devemos em virtude de um achado, muito lucroso por um (grupo de especuladores) de expropriação de mais de dois terços deste illudido Povo.

Queremos fallar d'aquelle nefando jogo do Bicho, fonte de miseria e de discordia em tantas familias.

De facto, vemos homens, mulheres, meninos e velhos, todos absortos no maldito Bicho.

Estes pobres inconscientes; engulosidos pela ganancia, arriscam até o ultimo vintem para adquirir um bilhete que leva impresso, quem a cabeça do burro, quem aquella do elephante, quem aquella do diabo que o carregue etc. etc.

A mór parte destes assiduos jogadores são capazes de derrubar a ordem da familia e até de privar-se do necessario pela vida, a condição que se jogue ao Bicho !...

É uma vergonha !...

Sim, illustres senhores do poder dominante, tollerar e permittir uma tanta ladroeira, é uma infamia por um paiz civilizado !....

E é pela suppressão deste execrando jogo, que fazemos appello á todos os egregios Jornalistas Curitibanos para fazel-o acabar definitivamente.

Offerecemos portanto as nossas pennas, oh senhores, e protestamos energicamente pelo total desapparecimento d'esta ladroeira.

Adheris, oh senhores a um appello altamente humanitario e tereis o merecimento de ter reestabelecido a ordem economica, a paz, a tranquillidade a uma infinidade de familias pobres !...

A Redacção.

A PROPRIEDADE
(Continuação V. n. precedente).

—

O conceito de quanto pode formar objecto de propriedade não tendo poupado o homem, era bem natural que manumettesse em mil modos a liberdade sem alguma distincção entre livres e escravos.

O medio évo portanto, como a antiguidade, e toda cheia de privilegios, monopolios, prerogativas representantes outras tantas usurpações sobre a liberdade commum convertida em objecto de propriedade em vantagem de poucos.

Nós, não vemos sómente n'aquelles tempos a mór parte dos serviços publicos enfeudados em pessoas ou familias privadas; não sómente achamos monopolizados a viabilidade, os transportes, os fornecimentos, os tributos, etc., mas vemos que se vendam cargos, magistraturas, officios politicos militares, religiosos; se poem em leilão abbadias, conegados, generalados; se appalta a justiça civil (com os relativos proventos, bem se entende) ao tal barão, aquella criminal ao tal bispo, e quando no medio évo a manía publica alcançou o parossismo e não soube mais onde achar materia de lucro, de commercio, de propriedade n' este baixo mundo já tanto saquejado, vae a tomar ardilosamente tambem no outro mundo e inaugura o grande mercado das indulgencias !

E aqui, convem notar como, as exagerações do conceito de propriedade acerca de quanto possa ser o objecto, façam rescontro aquellas que se referem ás faculdades de quem é revestido, isto é: do proprietario.

Á parte um e outro abuso que segundo a classica formula romana, o proprietario pode fazer de cousa sua, sem preoccupação alguma para os interesses geraes, elle poderá não só dispôr em vida, mas tambem depois de morto, sem limites de tempo, regulando o curso de além tumba, perpetuando-a na assim chamada mão morta ou por transmissão fidecommissaria, na propria posteridade.

Se não que, tudo isso não impide que, como a escravidão cahiu, cahiam tambem aos poucos as servidões pessoaes, os privilegios, os monopolios, os fidecommissos, a herança dos encargos; a ponto que nos nossos dias já se faz notar um movimento por effeito do qual, estradas, minas, florestas, emprezas de publicos serviços, reentram ou tencionam reentrar no dominio do Estado.

È a propriedade que, depois de ter desconfinado em todo sentido, vae restringindo-se e delimitando se no tempo como no espaço.

Só isto bastaria a demonstrar a sua mobilidade !

***

Mas talvez nenhum instituto soffreu no seu percurso historico a acção directa do legislador, mais da propriedade.

Poucas analyses tambem a este respeito.

Os maiores legisladores da antiguidade, Moyses, Salomão, Licurgo, Numa, não hesitaram em regulamental-a.

Elles, com limitar de um lado a extensão dos possedimentos, e do outro lado com o veto e com rigorosas restricções da faculdade de alienar e de testar, se estudaram de manter immune a sociedade confiada aos seus cuidados, dos males de que são portadoras as classes extremas e oppostas que infestam por demais a sociedade moderna isto é a opulencia e a mendicidade.

Lêdes na Biblia o Livro do Levitico e vereis com qual solemnidade Moyses publica o famoso Jubileo, pelo qual cada um, depos de 50 annos, deve voltar a possuir o campo paterno.

Todos sabemos que os Romanos faziam elles tambem violencia ao seo

rigido direito Quiritario e recorriam ás celebres leis agrarias, ou a distribuições gratuitas de terrenos, quando a plebe tumultuava, quando os tribunos denunciavam como 2,000 nobres possuissem todos os campos que deviam repartir-se em mais de 300 mil cidadãos, em base aos protestos agrarios dos Manlios, dos Cassios, e dos Graccos.

No medio évo, acreditava-se de tutelar o interesse geral, tormentando a propriedade particular, prescrevendo a ordem das culturas, o tempo em que devia fazer-se a colheta, as tarifas dos preços, com vetos de importação e exportação, com impôr limites á uzura e com tantas outras disposições de natureza sumptuaria.

Que, se tudo isto, hoje desappareceu, e nós podemos vantar-nos pela reivindicação de uzurejar a nosso bel prazer e dispôr anarchicamente dos nossos factos, não por isso è de crêr-se cessada mesmo ao dia de hoje toda a intromissão do legislador sobre os bens particulares.

(continúa)

Duas Pascoas

Embora seja pelos fanaticos religiosos ja sido festejada a Pascoa, nos cremos util insertar a nossa.

As torrentes e os riachos infringiram a sua prizão de gelo, ao sorriso doce e edificante da primavera; uma feliz esperança verdeja na vallada; o velho inverno que se enfraquece de dia em dia, retira se pouco a pouco nas rispidas montanhas.

Na sua fuga, elle lança um olhar gelido mas impotente sobre a terra; o sol não soffre mais nada de branco em sua presença; em toda parte reina a vida; tudo se anima sob os seus raios de novas côres.

É o despertar da natureza, depois do longo somno do frio inverno; é a terra que se tira dos hombros a gelida capa da triste estação; é a vida que assopida por pouco se desperta mais vigorosa e retoma a sua benefica actividade; é a primavera emfim que annuncia as suas flores e os seus cantos.

A PASCOA, não é outra cousa senão que a expressão de jubilo da humanidade, pela volta do bom tempo, após tantos dias de caliginoso e cupo inverno.

A natureza é regulada por leis imprecindiveis, a materia morre, transforma-se, renasce e é eterna.

Após o lethargo do inverno se desperta e recomeça a sua obra.

A humanidade é parto, è extrinsecação, é uma das mil formas que assume a natureza, e como tal supporta-lhe as leis.

Após o cupo medioevo, após o longo curso dos seculos de servagem em que se havia adormecido, pouco a pouco se desperta, e temos tido as «Jaqueries», mais tarde a «Reforma» e por ultimo a «Revolução do 89» sem fallar nos menores acontecimentos.

Este despertar, porém, não è repentino, nem duradouro, e de vez em quando, após um esforço, recahe sob a ferrea mão da reacção, em nova somnolencia.

E a natureza, tambem ella se desperta pouco a pouco, combatida pelo inverno que, qual velho reaccionario, se obstina a não ceder o campo e de vez em quando, na sua fuga, deixa sobre os prados, algum olhar gelido, mas impotente.

Mas, afinal, a natureza vence; o gelido e triste inverno é vencido, e bella e esplendida triumpha a primavera! «A Pascoa de resurreição !!!».

Os esforços feitos pela humanidade para despertar-se a nova vida, teem elles alcançado o seu objectivo? Não, porque ainda grandissima parte d'ella è escrava, ignorante, derelicta e desprezada. Não, porque a reacção tenta de suffocar todos os esforços feitos por ella em tal fim.

Portanto, devemos nós concluir que a êra das revoluções seja fechada para sempre e que conseguintemente a grande massa dos desherdados seja condemnada ao eterno servagem? Não, porque, como a natureza após uma dura lucta contra a fria estação, acaba por triumphar, assim a humanidade que è sujeita as mesmas leis, é destinada tambem ella a triumphar dos seus inimigos.

Synptomas não duvidosos do despertar, manifestam-se sempre mais frequentes, á quem não seja surdo ou cego de proposito; um novo despertar constante manifesta-se entre as plebes aviltadas, um movimento lento mas constante tem logar entre o immenso exercito dos opprimidos e tudo induz a crer não longiquo o dia da suprema lucta, e da ultima e definitiva victoria.

Aquelle dia será a PASCOA DA REDEMPÇÃO.

O apressurem os milhões de miseraveis que soffrem.

UM VELHO INTERNACIONAL.

A Mulher

(Continuação ao n. 17 e fim).

Mas, educamos ás ideias modernas esta companheira indissoluvel do homem, abrimos-lhe os olhos ás iniquidades do regimen actual, fazemos lhe comprehender que nenhum ser humano tem direito ao superfluo, em quanto muitos outros faltam do necessario; convencemol-a que se nos revoltamos á tantas infamias que nos reserva o regimen capitalista, é porque não queremos que lhe tomem os filhos para mandal-os á carnificina, como bestas de açougue ou as suas filhas para fazer carne de ludibrio.

Elevada a mulher ao nivel moral do individuo consciente, não impedirá mais o caminho da revolução, pelo contrario nós teremos um auxi-

liar potente, que levantará a coragem do rebelde na lucta pela emancipação commum.

Temos demais descurado a mulher; não consideremol-a apta sómente a fazer filhos e preparar a sopa.

Buscamos de tornar a influencia que possue sobre o homem em proveito da revolução, substituindo nas suas crenças a verdade dos principios libertarios ás estupidas supertições religiosas. Se acabe de uma vez de dizer que a mulher deve occuparse sómente das cousas de casa, rervando-se a nós homens o direito exclusivo de interessar-se da vida publica e social; ella é egual ao homem, entre os dois não ha senão uma differença de conformação organica.

Como nós, soffre as consequencias do desfructamento capitalista; mas ella é duplamente victima dado o estado de inferioridade, respeito ao homem, em que o querem as leis e os costumes sociaes e burguezes.

Não existindo differença de interesses entre os dois sexos, communs devem ser as tendencias e as aspirações, a emancipação da humanidade, com substituir ao actual systhema de sociedade capitalista, collocada sobre as communs dores, um assento social de individuos livres e eguaes, animados pelo unico affecto reciproco.

A.

REBELDE

Se tu, com o auxilio da tua intelligencia e dos teus braços, achando-te sem tecto, podesses procurar-te o material para construil-o e tiveste a liberdade de estabelecer a tua moradia aonde outro mortal não mora; se tu podesses cultivar um pedaço de terreno sem a prospectiva de ver a rubar-te o fructo do teu trabalho pelo patrão ou pelo fisco; se tu, com ou sem auxilio voluntario de outros homens, podeste procurarte diversões e prazeres que servissem a ingentilir e a recrear a tua mente; se, antagonismos, interesses brutaes, prejuizos sociaes não te impedissem de amar e ser amado, sem hypocrisia, pela mulher cuja natural e expontanea sympathia te aproxima, se tudo isto, digo, podeste realizar sem que outrem t'o impida, e tu sómente por sêde de sangue, matastes, (salvo se foste louco), eu te diria:

Assassino!

* * *

Mas tudo isto o sei muito bem, tu não podes. Mesmo baixando a cabeça á vontade alheia, não podes procurar-te uma casa para morar, e por isso, se de vez em quando mostras os dentes e te rebellas ao proprietario, tu es logico.

O pão que a custo ganhas, banhando-o em suor de sangue, nunca basta a satisfazer-te, por causa da rapina exercitada em tuo damno pelos patrões, capitalistas e governantes, e por isso, se contra quem é a culpa da tua fome, tu que sabes de ser homem do teu affomedor, mostras os punhos e te rebellas, a tua rebellião é Justiça!

Se em tanto desperdiço de riquezas que derivam do teu trabalho, não te é permittido de gozar nem tampouco das migalhas e de satisfazer-te pelo menos a vista, e tal facto repugnante te offende até no mais profundo do teu amor proprio e da dignitade que te arma o braço e te faz rebellar para cortar uma das raizes que são a causa do teu malestar — a tua rebellião é logica, é justa.

Quando emfim, constrangido a viver n'uma sociedade que de nada falta e que por prejuizos estupidos, usos imbecis e interesse canibalescos te priva de qualquer satisfação phisica e moral, tu te rebellas e golpeas quem é a causa dos teus males, porque contribue a manter a escuridão e a mentira, tu es digno de admiração.

E eu, não vendo n'esta podre sociedade, pessoa mais admiravel da tua, te proclamo meu ideal, e sobre as azas da minha phantasia te envio oh consciente rebelde, um affectuoso beijo!!...

R. M.

Sottoscrizione

a favore del compagno

Alfredo Mari.

Da Paranaguá

Santo Allegrini. .	2$000
Marchioni . . .	2$000
Nazzareno . . .	3$000
C. Curni	2$000

Da Curityba

Nano	1$000
Merlin.	1$000
Patalossi	1$000
Borelli.	2$000
Baldi	2$000
N. N.	2$000
Totale	18$000

Sottoscrizione volontaria

a favore del Giornale

IL DIRITTO

Nota E. Pacini.

Maestro 2$ Gideoni 2$ Pó Giovanni 2$ Farmacia 1$ Monjuich 1$ Secondo Livorno 2$ Manoel Queiroz 500 reis. Avanzo bicchierata 900 reis. Nanni Toscano 2$ Pedro 1$ Vecchio 600 reis.

Total 15$000

Nota A. B.

Abasso il denaro 2$ Sinibaldi 2$ Paolo 2$ Bottaio 1$ Caluso 3$ N.N. 1$ Raffaello 600 reis Borboletta 6$ Grupo Germinal 8$100.

Total 25$700

Avanzo n. 16 17$500

Total 58$200

Spese di posta e corrispondenza del n. 16	3$200
Spese del presente n. 17. .	42$000
Spese N. unico de S. Paolo.	3$000
Avanzo	10$000